

GUEDES DE AMORIM

FRANCISCO DE ASSIS
RENOVADOR DA HUMANIDADE

BIOGRAFIA

Prefácio de Vítor Melícias, OFM
Ministro Provincial



PREFÁCIO

São Francisco de Assis, o *Poverello*, é uma das figuras humanas que mais marcaram e continuam a influenciar a História da Humanidade. Foi mesmo proclamado o “Homem do Milénio”, no seguimento de um inquérito internacional promovido pela imprensa norte-americana nos finais do século passado.

Porventura o mais biografado de todos os santos da Igreja e um dos homens mais imortalizados na arte, na literatura, na onomástica, na poesia e demais expressões de comunicação e admiração humana, Francisco, o “Assisiata”, recorrentemente chamado arauto da paz, génio da humanidade, promotor e patrono da ecologia, apóstolo da fraternidade universal, inspirador de iniciativas ecuménicas de paz e irmão e defensor dos pobres, cada vez mais liberto dos romantismos poéticos e de lenda, de que vinha aureolado desde a Idade Média, seu berço temporal, vem-se impondo nos nossos dias pelo crescente reconhecimento da genialidade e impressionante atualidade das suas intuições e gestos proféticos.

Para isso foram certamente decisivos os notáveis trabalhos que, no seguimento da descoberta, em 1898, e posterior publicação por Paul Sabatier do *Espelho de Perfeição*, atribuído a Frei Leão, companheiro predileto de São Francisco, envolveram o intenso movimento de investigação histórica e edição crítica que atravessou os três primeiros quartéis do século xx e ficou conhecido por “questão franciscana”.

Desses trabalhos de busca, estudo comparativo e publicação, a partir de 1968 (primeiro em francês e depois em várias línguas,

incluindo a nossa), das *Fontes Franciscanas* resultou um conhecimento mais fiel da figura e pensamento de São Francisco, purificando-a de mitos e lendas de medieval sabor poético em favor da valorização das suas geniais, e impressionantemente atuais, propostas de vida, simultaneamente divina e humana, da Igreja e da Humanidade.

Se, logo desde os seus primeiros seguidores, o pensamento franciscano e a dinâmica social impulsionada por Francisco e seus frades em favor dos pobres e da justiça social fraternista esteve na base de movimentos de luta contra a usura, da criação dos montepios, mutualidades e celeiros comuns, hospitais, misericórdias e outras soluções de economia social, nos tempos que correm, e perante a economia financeira que nos domina, assumem especial atualidade os princípios e soluções daquela economia social e solidária ou economia franciscana de comunhão, que mergulha as suas raízes nas intuições do *Poverello* e no ensino dos seus seguidores João de Pedro Olivi, São Bernardino de Sena e do próprio Santo António de Lisboa, acérrimos defensores do destino universal e fraternal de todos os bens tal como da doutrina dos direitos humanos e da dignidade de todas as criaturas, de que o franciscano Guilherme de Ockam foi pioneiro emérito, ou de uma ecologia de fraternidade e de cuidado da casa comum, pilares do pensamento social universalista franciscano. De inequívoca atualidade e urgente necessidade.

Dessa necessidade é eloquente testemunho a surpreendente e profética escolha do nome de Francisco pelo Papa Bergoglio, que, como o próprio esclareceu posteriormente, lhe foi sugerida pelo franciscano brasileiro cardeal Cláudio Humes ao sussurrar-lhe ao ouvido na hora da eleição o grito do Salmo 10,12: «Não esqueças os pobres.»

Aliás, é também disso bom testemunho a insistente regularidade com que o Papa Francisco, na senda do poeta inglês, de que se confessa admirador, Gerard Manley Hopkins, outro jesuíta de pensamento marcadamente franciscano (como entre nós já se demonstrou em tese de doutoramento e no ensino universitário), recorre a São Francisco como chave de leitura e modelo para

muitos dos reptos de renovação que o futuro lança à Humanidade.

Dessa mesma urgência de renovação e do papel do universalismo franciscano como “caminho de felicidade” pela “adesão de todas as nações e todas as raças ao franciscanismo” trata, no estilo e na linguagem de há 50 anos, esta obra de Guedes de Amorim, cuja 3.^a edição tenho hoje a satisfação de aqui apresentar.

Guedes de Amorim, falecido em março de 1979, jornalista e escritor, por influência de São Francisco convertido de um agnosticismo marxizante a um catolicismo militantemente franciscano eivado de preocupações de justiça social, teve a intuição de destacar do contexto de literatura romântica e trovadorescamente poética, então em voga, a dimensão humanista e capacidade renovadora da mensagem daquele que “pelos pobres se fez pobre”.

Com esse espírito e intenção, idealizou e escreveu esta que ele mesmo chamou «biografia-mensagem» numa ótica de “apóstolo do pão e da salvação” em prol dos “pobres, *minori* de pão e de justiça”. Embora escrevendo em estilo romanceiro de novelista, que também foi e de muito bom nível, Guedes de Amorim – que Deus tenha e de seus bons ideais e obras recompense – quis deixar mensagem e, como discípulo, fazer biografia de um mestre, «o mestre de que precisava, de que muitos ainda precisam», como na própria obra consignou. Seja.

Ao reeditá-la, 50 e tantos anos depois, precisamente no contexto em que a cumplicidade entre o “Francisco de Roma” e “o de Assis”, como graciosamente lhes chama Leonardo Boff, procura recuperar o vigor evangélico para Renovação da Humanidade, a PAULUS Editora dá um oportuno contributo a esta causa comum. Bem haja. Que resulte.

PADRE VÍTOR MELÍCIAS, OFM
Ministro Provincial

PREFÁCIO DA 2.^a EDIÇÃO*

1. Não vejo como esconder a minha surpresa: três meses depois da primeira, aparece a segunda edição deste livro! Em país de ronceiros apetites de Espírito, principalmente nesta época que vai sacrificando cada vez mais a leitura a dispersivas distrações, dizem-me ser isto o que se chama um êxito. Por isso, talvez neste momento fosse compreensível alguma satisfação... Realmente, se o inteligente editor com legitimidade a pode saborear, o autor decidiu não lhe conceder um minuto sequer. Sente-se antes atraído, e bem justificadamente, para as principais experiências que o livro lhe suscitou. Nenhuma delas vultosa, porém, no seu conjunto, fundamentando esta pergunta: Deveria o escritor publicar apenas o livro que, do princípio ao fim, estudou e escreveu como homem e artista, ou o livro que diversos opiniosos, fruindo posições e circunstâncias especiais, gostariam que ele tivesse escrito?

2. Esta biografia, nas fases por que teve de passar para ser livro editado, também tem a sua biografia. (Aqui se começará a levantar a resposta àquela pergunta.) Venha pois o leitor, por um instante, ao outono de 1958: Aí vai o autor, com o manuscrito debaixo do braço, bater à porta dos editores. Disposto a todos os riscos e obstáculos. Ao longo dos meses, colhe apenas recusas por toda a parte. Teima, teima e

* Pela importância que se depreenderá, resolveram os editores manter o prefácio à 2.^a edição conforme publicado em 1960. A obra teve outra edição em 1965, sendo esta, portanto, a quarta.

teima. Uma tarde, já a calma se lhe mudava em ansiedade, encontra-se com Domingos Monteiro, grande escritor que se fez editor apenas para colocar a indústria do livro ao serviço da literatura portuguesa. Domingos Monteiro pergunta: «Então, o seu São Francisco?» Responde o autor com outra pergunta: «Quer você editá-lo?» Vem logo a resposta: «Naturalmente que edito.» (Rigorosamente exato o que se recorda, sem uma palavra a mais ou a menos.) E, uma semana depois, o trabalho seguia para a tipografia.

Difícil, difícilíssimo começou aquilo que veio a ser fácil. Receberam-se, é certo, encômios de alguns editores. Mesmo que se acreditasse em tais elogios, seria puerilidade lembrá-los, até porque as insólitas reservas que também se escutaram, melhor identificam esses sempre falíveis juízes das probabilidades da obra alheia. A primeira reserva: «São Francisco de Assis foi um herege!» Segunda: «Há já muitas biografias do Poverello para que o público possa interessar-se por uma que saiu das mãos de quem não é teólogo...» Terceira: «Não há possibilidade de o leitor moderno compreender a vida e o apostolado do filho do mercador Bernardone...» Quarta (e não foi a última): «Bem, o livro talvez fosse editável, mas sem o prefácio, que é assaz combativo!»

Julgada com tão pretensa autoridade, a obra veio a aparecer dois anos depois de se ter começado a procurar-lhe editor.

3. Que razões atraíram os leitores para este livro, depois de tão mal-sinado por alguns dos magnatas da indústria livreira? Tenho ouvido dizer, a quem o leu, que havia ampla curiosidade a aguardá-lo. Vários afirmam, até, que muitos eram os que ansiosamente o desejavam, como se a perguntar, em voz íntima, por luz e fraternidade, com certeza humana, esperassem que alguém lhes respondesse em voz alta. Garantem que tudo isto é verdade. Então, se tudo isto é verdade, que sabem os editores, na sua quase totalidade, das obras que os leitores esperam ou reclamam com sede insubornável?

Destinou-se, efetivamente, esta obra a esclarecimento de iludidos ou transviados. Mas, não ousaremos desdenhar a possibilidade de aquelas almas ressequidas, pelo menos angustiadas em desorientação, se terem

igualmente aberto à mensagem franciscana, fosse quem fosse que também lha transmitisse, em termos de arte e com validade para os nossos dias.

Seria portanto incompreensível que desconhecêssemos o gosto provado de milhares de leitores da primeira edição como apreço convincente. O exame de uma necessidade humana estreitamente ligada ao Divino, através de um livro que não abdicou de ser obra de arte literária, está feito. Está feita a sua crítica, nos vários quadrantes, também, em termos que consideramos imerecidos. E, duas, três opiniões negativas ou deturpadoras, seriam olvidáveis, se não fosse a obrigação iniludível da parte do escritor de tudo referir ao leitor, e, na sua frente, defender o que considera como independência ameaçada. Veio, por exemplo, um crítico, e não dos menos ilustres, dizer que era lastimável que, na época da bomba atômica, aparecesse um trabalho como o nosso, destinado à esperança dos homens. Parecendo dizer: Dois loucos incendiaram a cidade vizinha, apressemo-nos a acabar, dentro dos nossos muros, com o Amor e a Fraternidade. Ou então, quase à maneira nietzchiana: Deus está morto! E, se o Demo ganha terreno, por que motivo não franquear-lhe todas as almas? Enquanto outro crítico teve ousio de sentenciar: O livro é demasiadamente humano, e, nas suas páginas, não se vê a santidade do Poverello de Assis!

Ao espelho das opiniões, fica sempre revelada a posição estética, moral (ou política) de quem as profere, sem que isso demova o autor da sua direção. Afirma-se, pois: este livro não foi escrito pelas exigências, limites, modelos ou ideários da crítica. Desassombradamente realizado, esperou-se que seria lealmente compreendido nos seus objetivos. Mas, com assombro e tristeza, reconhecemos que, assim como há óculos contra o sol, também os há contra Deus, bem como se pretende ver o Criador desligado da criatura. Que saibamos, nunca a política serviu para julgar a arte. O próprio Marx repudiava o julgamento da arte em termos políticos, camuflados que fossem. Tão-pouco se deverá esperar que, através da teologia, alguém pretenda atingir os mesmos objetivos. Importa concluir: a desejada e necessária imparcialidade para sentenças literárias não se encontra em determinados sectores políticos, estéticos ou confessionais.

4. Entendeu o autor reconhecer o lado humano na santidade de Francisco de Assis. Um leigo, a quem só por premeditação caluniosa poderiam compará-lo, diria (a começar, talvez, por si mesmo) que o hábito é que faz o monge. Contudo, sabe o autor que é bem o contrário. Francisco era um homem de qualidades e defeitos; e, para começar a segunda vida, mereceu um estado de graça: o beijo no leproso – gostar do que não gostava –, para ouvir Cristo em São Damião. Que poderia ele fazer por si mesmo? Sem Deus não teria caminhado para Deus. Porém, é ou não verdade que os santos podem nascer na Terra? Não se duvida da santificação antes do nascimento, por exemplo, de João Batista, mas reconhece-se de preferência e claramente a santidade que é conquistada palmo a palmo. Em consequência, se Francisco Bernardone tivesse sido um místico, desses que saltaram do berço para subir aos altares, sem quedas, sem pecados ou necessidade de conversão, não teria com certeza chamado o pobre escritor humanista que julgamos ser. Onde estaria a sua lição exortativa – Fui o que tu és, o que eu fiz também tu poderás fazer –, para homens de carne, osso e alma como eu, a quem afinal destinei este livro? Que um biógrafo clerical, deliberadamente resolvido a esquecer o corpo em que também se amassam em renúncia os santos, apenas falasse do místico e do sobrenaturalizado, entendia-se; porém, se assim procedesse, eu seria indigno de servir a Verdade com inteira liberdade, pois, escutando Terêncio, nada do que diz respeito ao Homem me pode ser alheio ou de somenos. Todavia, sem nunca esquecer: a liberdade, que os homens tanto procuram e defendem, é, antes de tudo, um dom de Deus.

Foi o Mendigo do Mundo, na primeira vida, um pecador? Foi. Porém, acabou por exigir do corpo que lhe auxiliasse a alma a subir. E, na verdade, durante longos anos, pela renúncia e pela humildade, sempre próximo do seu vizinho, sempre próximo até do mais distante, fez a conquista quotidiana da santidade. (Eu fui o que tu és...) Conclusão: o homem Francisco, como força de vontade que mereceu a graça e se tornou santo, se esquecido fosse, representaria o banimento da dignidade esforçada que sabe realizar-se, fraternalmente, dentro do Humano com o Divino.

Só não verá o santo no Poverello que atravessa esta desenvolvida biografia-mensagem quem a isso estiver antecipadamente disposto.

Claro que me faltou para escrever esta obra um curso de Teologia. Contudo, não me faltou um curso de vida muitas vezes dramaticamente vivida, com sofrimento, desilusões e arreligiosidade, para um prefácio responsável de vinte anos de estudo de quanto ao homem e ao santo diz respeito. Parece que se desejaria ver a santidade do assisiata apenas para o paladar dos doutores da Igreja. (Francamente, precisarão os médicos que se lhes fale de Medicina?...) Não haverá decerto teólogo que ponha em dúvida que Francisco de Assis se tornou santo. Há, porém, uma distinção – grande distinção! – a fazer: teologia quer dizer também santidade, mas teólogo é que só raras vezes quer significar santo. Agora, atente-se em Francisco de Assis: ele não foi sequer pequeno teólogo, porém, homem de vontade e renúncias, tornou-se o Santo dos Santos!

A santidade do Poverello está no meu livro, mas sem traições ao homem que, por si mesmo, nunca esqueceu a Humanidade. Negar esta evidência será um jogo pérfido mas nunca testemunho responsável. Claro que sobre esta obra houve e poderá haver ainda quem redija infundadas novidades, porém, como agora, estarei pronto a repeli-las. Firmemente sustento a minha liberdade de escritor. Firmemente sustento, do mesmo modo, inabalável recusa a qualquer pacto com qualquer censor.

5. *Mesmo que tudo lhe seja adverso, o autor não cederá a pressões. Nada conseguiu da sua esperança a acefalia negativa dos editores, que consideraram o canonizado um herege e este livro sem resposta possível para o nosso tempo; nada o abalaram os escassos dois julgadores que, pelo não elogiável processo de isolamento de linhas ou frases, em longos parágrafos que davam sentido oposto àquele que premeditaram, confundiram o seu franciscanismo com dominicanismo; tão-pouco alguns dos que o elogiaram, até, por aspetos que, afinal, nem aparecem no livro, lhe despertaram mais que melancolia. (Como se lê livros sem ler, quando se quer fazer figura de crítico!) Também o não podiam atingir, dizendo que se encontrava em crise de consciência, quando deveriam ter reconhecido, por uma leitura atenta do prefácio-confissão, que o homem-escritor, já consciencializado em Cristo, por intermédio de São Francisco, desejava e continua a desejar – e lutar – para que a felicidade possível na Terra comece a fazer-se por adesão de todas as nações e todas as raças ao franciscanismo. Nem o melindraram com invites a outras direções.*

Se alguém dá ordens para não unir as relações do Humano com o Divino, ele desobedeceu, desobedece e desobedecerá a ordens tão maquiavélicas. E, a todos, responde uma vez por todas: não saberia servir uma arte que, por medo ou conveniência, negasse ou deliberadamente esquecesse, no Homem, a autenticidade do corpo e a eternidade da alma.

A liberdade é estrada do escritor, contando embora com vários obstáculos. Prefere o diálogo ao monólogo. Escreve para conviver, assim como continuará a escrever os livros que, em pensamento, realidade e arte, entenda publicar. Com a ambição de que eles sejam, quando possível, testemunhos. Também com esperança. Mas, porque a minha esperança é de católico, convertido pelo franciscanismo, a minha posição é de homem do seu tempo, nunca esquecido que vive entre irmãos. Clamamos, como os mais pertinazes discípulos do Poverello: Em grande parte do mundo católico, descristianizado, há igrejas e não há Deus, há tribunais e nem sempre há justiça, há searas e não há pão para todos. Somos de Deus e mantemos oposição aos que não vivem Cristo. Admira-se e segue-se, por conseguinte, o franciscanismo pela sua interveniência solidarista, com noção e prática dos sublimes preceitos: Amor de Deus e amor do próximo. Por isso, enquanto Cristo for traído e enquanto houver lágrimas e fomes não nos calaremos.

Vivemos, através do franciscanismo em Cristo, tempo de Ocidente e antiocidente. Vivemos tempo de liberdade e de traição do humano perante o Divino, em que merece espanto a certos teólogos que nos empenhemos em mostrar Cristo em gestos positivos de convívio e fraternidade. Mas quem manda na mão que escreve é o autor. Escolheu: mostra Jesus Cristo através do «Cristo da Idade Média». E, como escolheu publicamente, do mesmo modo declara: paga o pão com o seu próprio suor, e decidido está a defender até ao fim o privilégio da sua pobreza, porém com liberdade de expressão. Vive para compreender e amar, escolher e não julgar. Sem fugas do caminho escolhido. Portanto, nunca escreverá livros encomendados ou dirigidos, pois jamais o servilismo foi da afeição de artistas livres.

Sem compromissos com o poder eclesiástico ou civil – já o dissemos no prefácio da primeira edição –, também o escritor não poderá dar-se apenas ao que lhe interessa mas ao que interessa aos homens do mesmo tempo. Com desassombro, e, também, com a certeza de que os caminhos

do Céu começam na Terra, foi o que eu fiz. Mas, eu e os meus leitores coincidimos, ao que se vê: a biografia-mensagem de Francisco de Assis, escrita por mim, foi para os que dentro de si a esperavam e para todos mais que, parece, ainda a esperam.

6. Durante a revisão de provas para esta edição, com o desejo de retificar uma troca de legendas e sacudir as gralhas intrometidas (não ainda completamente afastadas decerto, até porque os tipógrafos desta feia messe têm exclusivo perfeito) bem me agradou que nada houvesse a alterar. Claro que o vocabulário de um escritor independente será sempre diverso, por exemplo, do vocabulário de um eclesiástico. E, neste sentido, sim, aceitei observações que me trouxeram os estimados P. Armindo Augusto, O. F. M., e Vaz Genro. Atravessam várias figuras da Igreja o meu livro, perto ou distante do Mendigo do Mundo, e, por vezes, foi preciso harmonizar a sua terminologia com as funções em que elas se movimentam. Mas emendou-se somente o que se teve por conveniente, sem nada mudar de substancial em qualquer página. Aqui fica, porém, a minha gratidão a esses amigos. Também aos quase todos que aplaudiram e aos raros que não quiseram (ou não puderam) compreender esta obra, se alarga o meu agradecimento. A amizade e a inimizade, a compreensão e a incompreensão, a justiça e a injustiça, na soma das suas díspares e contraditórias sentenças, reconheceram afinal, unanimemente, que o autor segue uma senda de luta, mas não se vende nem pactua ou desespera.

Lisboa, 15 de dezembro, 1960

G. DE A.



ÍNDICE

	Pág.
PREFÁCIO de Vítor Melícias, OFM.....	5
PREFÁCIO DA 2. ^a EDIÇÃO.....	9
ENCONTROS.....	17

PRIMEIRA PARTE A PRIMEIRA VIDA

I AMBIÇÃO.....	83
II O INVEJOSO.....	86
III A HERESIA.....	90
IV DILEMA.....	95
V PROJETOS.....	98
VI MOCIDADE.....	100
VII A BATALHA.....	104
VIII O CONVALESCENTE.....	106
IX O CAVALEIRO.....	108
X ANSIEDADE.....	112
XI A AMEAÇA.....	116
XII A EXPERIÊNCIA.....	119
XIII SEGUNDA EXPERIÊNCIA.....	124
XIV A MISSÃO.....	127
XV RENÚNCIA.....	131

SEGUNDA PARTE O ARAUTO DO GRANDE REI

I A SEGUNDA VIDA.....	139
II CLARINHA.....	143

III APOSTOLADO.....	145
IV O PRIMEIRO DISCÍPULO	147
V O SEGUNDO DISCÍPULO.....	149
VI O TERCEIRO DISCÍPULO	152
VII ÂNGELO DE TANCREDI.....	155
VIII INVERNO.....	158
IX ADVERTÊNCIA	161
X ROMA	164
XI APROVAÇÃO.....	168
XII O SEMEADOR.....	173
XIII SINAL DE DEUS	176

TERCEIRA PARTE
A POMBA DO FRANCISCANISMO

I ALMOÇO DE UVAS.....	185
II GRANDES LIÇÕES.....	189
III MILAGRE	192
IV GRANDES TESOUROS	195
V A PROFECIA.....	198
VI A FUGA	202
VII A NOVA CRUZADA.....	206
VIII A SEGUNDA DISCÍPULA.....	210
IX REVOLUÇÃO SEM SANGUE.....	214
X JACOBA DE SETESOLLIOS	216
XI A PALAVRA E A ESPADA	219
XII ALTOS DESÍGNIOS.....	221
XIII A VERDADEIRA POESIA	223
XIV A VERDADEIRA MISSÃO	226

QUARTA PARTE
O APÓSTOLO DO PÃO E DA SALVAÇÃO

I A OFERTA.....	233
II OS PEREGRINOS	237
III NOVIDADES	239
IV A PERFEITA HUMILDADE.....	243
V A PERFEITA ALEGRIA.....	245

VI OS ADVERSÁRIOS.....	248
VII O IV CONCÍLIO DE LATRÃO.....	251
VIII FRANCISCO E DOMINGOS.....	254
IX A OVELHINHA.....	259
X O LOBO DE GÚBIO.....	262
XI AMOR SEM PREÇO.....	264
XII O SERMÃO AOS PÁSSAROS.....	267
XIII OS LADRÕES DE MONTE CASALE.....	268
XIV O HOMEM SEM ORGULHO.....	271
XV A TENTAÇÃO.....	273

QUINTA PARTE
AS GRANDES MISSÕES

I A VERDADEIRA POBREZA.....	281
II SAUDADE.....	284
III GLÓRIA INÚTIL.....	287
IV A INDULGÊNCIA DA PORCIÚNCULA.....	289
V MANHÃS DE FÉ.....	292
VI PALAVRAS INOLVIDÁVEIS.....	294
VII O CAPÍTULO DAS ESTEIRAS.....	296
VIII SAUDAÇÃO À HUMANIDADE.....	298
IX PÃO DE MILAGRE.....	301
X AVISO DE AMIZADE.....	303
XI SORRISOS E LÁGRIMAS DE CLARA.....	305
XII O LUTADOR.....	308
XIII OS RECLAMANTES.....	309
XIV DEMISSÃO.....	312
XV O JANTAR MÍSTICO.....	315
XVI NO LAGO TRASIMENO.....	318
XVII MISSÕES A MARROCOS E AO EGITO.....	320

SEXTA PARTE
A VERDADEIRA SABEDORIA

I O CALUNIADOR.....	327
II ACAMPAMENTO DESORDENADO.....	329

III	ARROJADA PROPOSTA.....	333
IV	PARA MAIS LONGE... ..	336
V	A SÚPLICA.....	338
VI	REGRESSO.....	340
VII	A CASA DE BOLONHA.....	343
VIII	PREOCUPAÇÕES.....	346
IX	A PROPOSTA DO CARDEAL.....	348
X	A SAPIÊNCIA DA CARIDADE	351
XI	A NOVA REGRA.....	354
XII	OS MÁRTIRES.....	356
XIII	CINCO HERÓIS.....	358
XIV	A DECAPITAÇÃO.....	360
XV	CAMINHO DE FREI ANTÔNIO.....	362
XVI	AMOR E CORAGEM	363
XVII	BONDADE SEM SOMBRA	366
XVIII	O SERVIÇO DE DEUS.....	368
XIX	A ETERNA LUZ.....	369
XX	O MILAGRE DOS LÍRIOS.....	372
XXI	A CARTA DO MESTRE.....	375
XXII	O SERMÃO DE BOLONHA.....	377

SÉTIMA PARTE
O MENDIGO DO MUNDO

I	CAMINHO DE CONSCIÊNCIA	383
II	A REGRA DE FONTE COLOMBO	384
III	O GRANDE TEÓLOGO.....	386
IV	A LIÇÃO.....	387
V	A REGRA DOS TERCEIROS.....	389
VI	CARTAS PARA A HUNGRIA.....	391
VII	NOITE COM OS DEMÓNIOS	393
VIII	O POEMA DE GRECCIO.....	394
IX	O CULTO DO PRESÉPIO	397
X	O DOENTE	399
XI	A VISITA DA SENHORA POBREZA	400
XII	PARA O ALVERNE.....	402

XIII A SAUDAÇÃO DOS PÁSSAROS.....	404
XIV A PERSEGUIÇÃO.....	406
XV A ASSINATURA DO ALTÍSSIMO.....	409
XVI ADEUS AO ALVERNE.....	411

OITAVA PARTE
A PORTA DA ETERNIDADE

I O POETA DAS CRIATURAS.....	417
II VISITA A SÃO DAMIÃO.....	420
III O REINO DOS REINOS.....	422
IV O CÂNTICO DO IRMÃO SOL.....	424
V A RECONCILIAÇÃO.....	426
VI O IRMÃO FOGO.....	428
VII JARDIM DE LENDAS.....	430
VIII NOVAS DE FRANÇA.....	433
IX O TESTAMENTO.....	436
X O DINHEIRO E A CARIDADE.....	438
XI VÉSPERAS DA MORTE.....	440
XII PAIXÃO DA MÚSICA.....	442
XIII AS ÁRVORES E OS FRUTOS.....	444
XIV ASSIS, A CIDADE SANTA.....	446
XV O SANTO E O HOMEM.....	448
XVI A DESPEDIDA.....	450
EPÍLOGO.....	455
BIBLIOGRAFIA.....	469
ÍNDICE DAS ILUSTRAÇÕES.....	473